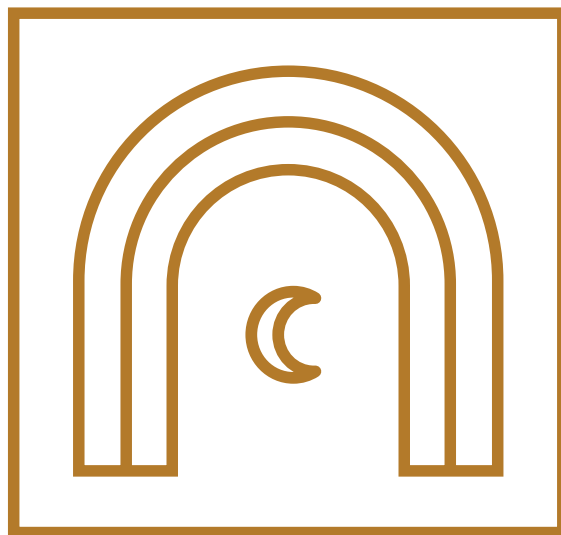


A noite do Índio¹

1. [Nota da editora] *A noite do Índio* foi publicado em Lisboa pela Casa do Sul Editora, em Outubro de 1999, com tradução de Joaquim Palma. A referida edição inclui também uma introdução, assinada pelo tradutor, da qual retiramos esta breve apresentação: No ano de 1854, chega ao noroeste dos Estados Unidos, mais precisamente à região que hoje faz fronteira com o Canadá, uma delegação enviada pelo governo americano e chefiada por Isaac I. Stevens, que fora nomeado Governador



do Território de Washington e Comissário para os Assuntos dos Índios. Uma das missões dessa delegação é a de propor às tribos da região a compra das suas terras em troca de proteção numa Reserva. No outono desse mesmo ano, o índio Seattle – tradução inglesa da palavra nativa Sealth – (1787 - 1866), Chefe da tribo Suquamish, que habitava a região junto ao braço de mar denominado Puget Sound, vai improvisar um discurso de resposta. Nesta reunião estava presente o Dr. Henry A. Smith, que era conhecedor do dialecto do orador e que to-

mou notas do discurso. O Tratado sobre a compra das terras – em que o governo americano se comprometia a pagar 150.000 dólares por 8.000 km² – é assinado em Point Elliot no ano seguinte. Nunca foi cumprido pela parte colonizadora. Para uma história mais completa do discurso, ver: *A noite do Índio*. Discurso do Chefe Seattle em 1854. Tradução e apresentação de Joaquim de Palma. Évora: Casa do Sul Editora, 1999. Segunda edição: 2007. Agradecemos aos editores a autorização para a publicação deste texto na coleção Caderno de Leituras.

A noite do Índio – Discurso do chefe Índio Seattle, segundo a versão de Henry A. Smith publicada no jornal *Seattle Sunday Star*, em 29 de outubro de 1887, e traduzido por Joaquim Palma.

Lá bem no alto está o céu que, durante incontáveis séculos, derramou lágrimas de compaixão sobre os nossos antepassados; ele parece-nos agora imutável e eterno, mas ele pode vir a alterar-se. Hoje ele está limpo, amanhã poderá apresentar-se coberto de nuvens. As minhas palavras são como estrelas que nunca se apagam. O grande chefe Washington² pode confiar no que Seattle diz, tanto como os nossos irmãos de cara pálida confiam no regresso das Estações.

O filho do Chefe-Branco afirma que seu pai nos envia cumprimentos de amizade e boa-vontade. Ele está a ser gentil porque sabemos que tem pouca necessidade da nossa amizade, uma vez que o seu povo é numeroso. As suas gentes são como a erva que cobre as vastas pradarias, enquanto que o meu povo é reduzido em número. Somos como árvores dispersas numa planície varrida pelas tempestades.

O Grande e, presumo, Bom Chefe-Branco manda dizer que pretende comprar as nossas terras e que providenciará para que tenhamos, em troca, uma existência tranquila. Isso parece-nos generoso, já que ao Pele-Vermelha foi retirado o direito a ser respeitado, e a oferta talvez seja sensata, uma vez que já não necessitamos de um território tão extenso.

Tempos houve em que o nosso povo cobria a terra toda como as ondas de um mar agitado pelo vento sobre a areia coberta de conchas. Mas esse tempo aconteceu há muito, tendo levado consigo a grandeza das tribos que agora então quase esquecidas. Não chorarei sobre a nossa antecipada decadência, nem acusarei os meus irmãos Caras-Pálidas de apressarem o nosso fim, visto que também nós temos culpas nisso.

Quando os nossos jovens se encolerizam perante alguma real ou imaginária injustiça, pintando as suas faces com cores negras, isso revela que os seus corações também estão negros e que também a sua crueldade é implacável e sem fim. E os mais velhos ficam incapazes de os segurar.

Agora, esperemos que as hostilidades entre nós e os Caras-Pálidas nunca mais voltem. Caso contrário, tudo perderemos e nada ganharemos.

A verdade é que a vingança executada pelos nossos jovens guerreiros é considerada uma vitória, mesmo à custa das suas próprias vidas, mas os anciãos, que permanecem em casa nos tempos de luta, e as mães, que temem perder os seus filhos, sabem mais.

2. [NT] Nos primeiros tempos da colonização do oeste americano, os Índios pensavam que o falecido presidente G. Washington ainda era vivo. Quando ouviam qualquer referência ao Grande Chefe Washington, tomavam o nome da cidade pelo nome do presidente. Dado que G. Washington possuía um enorme prestígio e poder entre os Índios, este engano, durante muito tempo, não foi deliberadamente esclarecido pelos colonizadores. [Nota do Tradutor a partir de um apontamento de Henry A. Smith.]

O nosso Grande Pai Washington — julgo que agora ele é nosso e vosso pai, desde que o Rei George estendeu as suas fronteiras mais para norte — manda dizer-nos pelo seu filho — sendo este sem dúvida um grande chefe do seu povo —, que, se fizermos como nos indica, ficaremos sob sua protecção. Os seus corajosos guerreiros serão para nós como uma muralha protectora e os seus barcos de guerra encherão os nossos portos, e assim os nossos já antigos inimigos do distante norte — os Hidas e os Simsiams — deixarão de atormentar as nossas mulheres e os nossos velhos. Deste modo, ele será, de facto, o nosso pai e nós os seus filhos.

Mas irá isto alguma vez acontecer? O vosso Deus ama o vosso povo e odeia o meu. Ele envolve ternamente, com os seus fortes e protectores braços, o Cara-Pálida e guia-o como um pai faz com o seu filho. Mas Ele abandonou os seus filhos de pele vermelha. O vosso Deus torna o vosso povo mais forte a cada dia que passa; em breve ocupareis toda a terra. Enquanto que o nosso povo está a recuar rapidamente como uma maré que nunca mais regressará. O Deus do homem de pele branca não é capaz de amar o nosso povo, visto que não o protege. Somos como órfãos que em parte alguma encontram ajuda. Assim, como poderemos ser irmãos? Como poderá o vosso Deus tornar-se também o nosso Deus, para nos trazer a prosperidade e despertar em nós os sonhos de uma nova grandeza?

O vosso Deus parece estar a ser parcial, já que Ele apoia apenas os seus filhos de cara pálida. Nunca O vimos; nunca ouvimos a Sua voz. Ele deu-vos leis mas nunca teve uma única palavra para os seus filhos de pele vermelha que outrora, aos milhões, encheram este vasto continente como as estrelas do céu. Na verdade, nós somos duas raças distintas, e assim vai continuar a ser. Pouco há em comum entre nós. Para o Pele-Vermelha, as cinzas dos antepassados são sagradas e é santo o chão onde elas repousam. Vós, sem qualquer sinal de pesar, vagueais longe das sepulturas dos vossos avós.

A vossa religião foi escrita em placas de pedra pelo dedo de ferro de um Deus encolerizado, para que não fosse esquecida. O Pele-Vermelha nunca poderia lembrar ou compreender isso.

A nossa religião é a tradição que vem dos nossos avós, é os sonhos dos nossos anciãos, transmitidos pelo Grande Espírito, e é também as visões dos nossos Chefes. Ela está escrita no coração do nosso povo.

Os vossos mortos deixam de vos amar e também à terra que os viu nascer logo que transpõem o limiar das suas sepulturas. Eles vagueiam muito para além das estrelas, são esquecidos rapidamente e nunca mais voltam. Os nossos mortos nunca esquecem este belo mundo que um dia lhes deu vida. Eles continuam a amar os sinuosos rios, as altas montanhas, os vales escondidos, e constantemente espalham a sua dedicada afeição sobre cada ser vivo, e muitas vezes regressam para visitarem e confortarem os vivos.

O dia e a noite não podem morar juntos. O Pele-Vermelha sempre evitou a aproximação do Homem-Branco, como a neblina da manhã na encosta da montanha evaporando-se antes do aparecimento do Sol.

No entanto, a vossa proposta parece acertada e penso que o meu povo aceitará e se retirará para Reserva que lhes é oferecida. Deste modo, levaremos uma existência pacífica, separada, visto que as palavras do Grande Chefe-Branco parecem ser a voz da Natureza saindo de espessas trevas que vão cercando o nosso povo como um denso nevoeiro vindo do mar nocturno.

Pouco interessa saber onde vamos passar o resto de nossos dias, que não serão muitos.

A noite do índio promete ser muito escura. Nenhuma estrela brilhará acima do horizonte. Ventos carregados de tristeza gemem ao longe. Um destino ameaçador parece levantar-se no caminho do Pele-Vermelha, e onde quer que este esteja ouvirá sempre os passos do seu impiedoso destruidor.

Mais algumas luas, mais alguns invernos, e não restará nenhum descendente das poderosas tribos que outrora se deslocaram por estas vastas terras e que agora deambulam em bandos dispersos através de extensas e desoladas paisagens. Não ficará ninguém para chorar sobre as sepulturas de um povo que em tempos foi tão poderoso e promissor quanto o vosso.

Mas por que haveria eu de estar aqui a lamentar-me sobre o destino do meu povo? As tribos são compostas de indivíduos, e elas não são melhores do que eles; os homens vão e vêm como as ondas do mar. Uma lágrima, um lamento, um canto fúnebre, e eles partem para sempre dos nossos pesarosos olhos. Até o Homem-Branco, com quem o seu Deus caminhou e falou, como entre amigos, não está livre de um tal destino. Afinal, talvez sejamos irmãos. Veremos isso.

Vamos estudar com atenção a vossa proposta e quando chegarmos a uma decisão falaremos convosco. Caso venhamos a aceitar, ponho desde já uma primeira condição: a de que não nos seja impedido o acesso, em qualquer momento, à sepultura dos nossos antepassados e amigos. Cada lugar dessa região é sagrada para o meu povo. Cada encosta, cada vale, cada planície, cada bosque tornou-se para nós precioso em consequência de algum triste ou feliz acontecimento relacionado com a nossa tribo.

Até mesmo as pedras, que estão ao longo da praia silenciosa suportando com solene grandeza o calor intenso, e que parecem não ter voz, vibram com memórias de acontecimentos muito importantes ligados à vida do meu povo. O próprio pó, sobre o qual agora estais, responde mais ternamente ao caminhar do Pele-Vermelha do que ao vosso, porque ele é cinza dos nossos avós; e os nossos pés nus estão mais conscientes do carinhoso toque porque o chão está cheio da vida dos nossos iguais.

Os homens fortes e corajosos, as dedicadas mães, as donzelas de coração alegre e as crianças que aqui viveram e foram felizes e cujos nomes já estão esquecidos, ainda amam estes lugares solitários que, ao anoitecer, e devido ao seu profundo despojamento, ficam mais sombrios com a presença dos espíritos crepusculares. E quando o último Pele-Vermelha tiver desaparecido da terra e a sua memória se tornar um mito entre o vosso povo, estes lugares encher-se-ão com os mortos invisíveis da minha tribo; e quando os filhos dos vossos filhos pensarem que estão sós nos campos, nas lojas, nos armazéns, nas estradas, no silêncio dos bosques, eles não estarão realmente sozinhos. Na terra toda não haverá um único lugar onde se esteja só. À noite, quando as ruas das vossas cidades e aldeias estiverem em silêncio e pensardes que estão desertas, elas serão invadidas pelos espíritos que outrora aqui viveram e que ainda amam esta maravilhosa terra. O Homem-Branco nunca mais estará só. Que agora ele seja justo e trate respeitosamente o meu povo, já que os mortos não têm qualquer poder.



Edições Chão da Feira
Caderno de Leituras / Série Intempestiva
Projeto gráfico - Mateus Acioli
Fevereiro de 2017

chaodafeira.com

Patrocínio



Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte